

A FENOMENOLOGIA DE HEIDEGGER E A FILOSOFIA PRÁTICA DE ARISTÓTELES

Mariana Couto Guerra¹

RESUMO

O presente artigo é uma pesquisa teórica e interpretativa acerca da existência de similaridade entre a fenomenologia de Heidegger e a filosofia prática de Aristóteles. Heidegger dedicou-se ao estudo das obras do filósofo grego desde a sua aproximação por intermédio de Franz Brentano, ainda enquanto estudava e aprendia com Husserl o *ver fenomenológico*. Apesar de ver o seu mestre criticar a filosofia prática, Heidegger demonstra um grande interesse pelos gregos do passado e se aprofunda na filosofia Aristotélica, trazendo grandes benefícios à filosofia que esteve no passado, voltada apenas às questões teóricas. Com a desconstrução da metafísica ocidental de Heidegger, foi apresentada uma nova ontologia e um novo modo de acessar o objeto da filosofia, através do *dasein*.

Palavras-chave: Fenomenologia; Filosofia pratica; Ontologia; *Dasein*.

ABSTRACT

This present article is a theorist and interpretative research about the existence of similarity between the phenomenology of Heidegger and Aristotle's practical philosophy. Heidegger took up the study of works of Greek philosopher from his approach by Franz Brentano, even while studying and learning from Husserl the phenomenological view. Despite seeing his teacher criticize the practical philosophy, Heidegger shows great interest in the Greeks of the past and deepens the Aristotelian philosophy, bringing great benefits to the philosophy that was in the past, focused only on theoretical issues. With the deconstruction of Western metaphysics of Heidegger, was presented a new ontology and a new way to access the object of philosophy, through *dasein*.

Key words: Phenomenology; Philosophy practice; Ontology; *Dasein*.

1- Advogada. Especialista em Direito Empresarial e Econômico pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pós Graduada em Gestão Imobiliária pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Mestranda em Direito pela Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) na área de concentração: Hermenêutica e Direitos Fundamentais. E-mail: maricoutoguerra@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Um dos grandes filósofos do Séc. XX é sem dúvida alguma Martin Heidegger, que com seu livro “Ser e Tempo” apresenta ao mundo as indagações sobre o sentido do ser, a superação da metafísica ocidental com a proposta de uma ontologia fundamental através de uma analítica existencial.

Heidegger foi aluno de Husserl, conhecido como fundador da fenomenologia, e apesar de ter participado dos estudos e experiências de seu mestre, procurou superar o pensamento Husserliano para atingir o ser do ente, com base na fenomenologia hermenêutica no horizonte ontológico.

Não apenas Husserl inspirou a trajetória filosófica de Heidegger, como diversos filósofos gregos da antiguidade, tendo grande importância para suas pesquisas a filosofia prática de Aristóteles.

Heidegger no texto “*Meu caminho para a fenomenologia*”, relata que a presença de Aristóteles foi fundamental para o desenvolvimento de seu programa filosófico:

“Foi então – no início mais movido por um pressentimento do que por uma inteligência clara do assunto – que aprendi o seguinte: aquilo que para a fenomenologia dos actos de consciência se realiza como o manifestar-se do fenômeno, foi mais originariamente pensado por Aristóteles e por todo o Pensar e existência gregos, enquanto Ἀλήθεια o não-estar encoberto do que está presente, como o seu desencobrimento, o seu mostrar-se. O que as investigações fenomenológicas tinham encontrado, de novo, como atitude portadora do pensar, era afinal o traço fundamental do pensamento grego, se não mesmo de toda a filosofia enquanto tal.”²

As interpretações da filosofia prática de Aristóteles possibilitaram Heidegger acessar fenomenologicamente a vida, abriu caminhos para compreender que o homem é um ser que se desvela.

A fenomenologia para Heidegger não se apresentava como um movimento independente da filosofia em sua história, e sim como aquilo que os gregos já experimentavam, originariamente, no cerne do seu pensamento.³

2- HEIDEGGER, M. *Meu caminho para fenomenologia*. Tradução: FALCATO, A. Covilhã, 2009. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/heidegger_martin_o_meu_caminho_na_fenomenologia_.pdf>. Acesso em 26 jun. 2012.

3- RUBENICH, A. O sentido originário da verdade: Heidegger com Aristóteles. Disponível em: <<http://www.controversia.unisinos.br/pdf/100.pdf>> Acesso em 26 jun. 2012.

“(...) o que para a fenomenologia dos atos conscientes se realiza como o automostrar-se dos fenômenos é pensado mais originariamente por Aristóteles e por todo o pensamento e existência dos gregos como *Alétheia*⁴, como o desvelamento do que se pre-senta, seu desocultamento e seu mostrar-se”⁵

FENOMENOLOGIA DE HEIDEGGER

Heidegger através da fenomenologia de Husserl e as escolas fenomenológicas que surgiram, superou toda tradição filosófica ocidental, abrindo horizontes para novas concepções, trazendo assim um novo começo para a filosofia.

A história da fenomenologia e do *movimento fenomenológico* está diretamente ligada ao final do século XIX e a três nomes: Franz Brentano, Karl Stumpf e Edmundo Husserl, mas foi através da concepção de Husserl que verdadeiramente iniciou o movimento fenomenológico, atraindo diversos seguidores em todo o mundo.⁶

O termo fenomenologia nos dizeres de Heidegger significa “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra”⁷, é um método de conhecimento para compreender, interpretar e descrever os fenômenos da forma como se mostra em si mesmo. Para Lenio Streck “a fenomenologia é utilizada para descrever também o fenômeno da compreensão do ser. Então, a fenomenologia não se liga somente à compreensão, mas à questão do ser.”⁸

“A fenomenologia é a via de acesso e o modo de comprovação para se determinar o que deve constituir tema da ontologia. Ontologia só é possível como fenomenologia.”⁹

4- Aletheia nos dizeres de Heidegger significa desvelamento, que garante através da clareira o caminho em direção à presença, que revela a essência das possibilidades.

5- HEIDEGGER, M. Meu caminho para a Fenomenologia. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.498.

6- EWALD, A. Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. Disponível em:<<http://www.revispsi.uerj.br/v8n2/artigos/pdf/v8n2a02.pdf>>. Acesso em 27 jun. 2012.

7- HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Bragança Paulista: Edusf, Petrópolis: Ed. Vozes, 2006, p.74.

8- STRECK, L.L. O que é isto- decido conforme minha consciência?Porto Alegre. Ed. Livraria do Advogado, 2010, p. 15.

9- HEIDEGGER. Ser e Tempo. Op. cit, p.75.

Heidegger em seu livro “Marcas do caminho” diferencia de forma clara a ciência do ente (ciência ôntica) da ciência do ser (ciência ontológica), frisando ser a ciência ôntica uma ciência positiva, muito diferente da ontológica.

“Existem necessariamente duas possibilidades fundamentais de ciência: ciências do ente, ciências ônticas – e a ciência do ser, a ciência ontológica, a filosofia. As ciências ônticas sempre tomam a cada vez como tema um ente previamente dado, que já foi sempre de certo modo desvelado antes do desvelamento da ciência. (...)A ciência do ser, ao contrário, a ontologia, necessita fundamentalmente de uma guinada do olhar voltado para o ente: guinada do ente para o ser, na qual, porém, justamente o ente continua sendo visado, embora isto aconteça naturalmente em uma postura modificada.”¹⁰

Heidegger adepto da corrente fenomenológica transcendental traz a máxima: “Às coisas em si mesmas.”¹¹ Frase esta que traria um grande progresso à filosofia, com análise de cada ente em si mesmo, através de sua auto-revelação aos olhos de cada investigador.

“A busca da verdade do ser, do sentido do ser, começa pela analítica existencial. Nas estruturas da finitude e da temporalidade do ser-aí, Heidegger procura desvelar o horizonte em que se manifeste o sentido do ser.”¹²

O sentido do ser; o que é o ser?; a multiplicidade da manifestação do ser; o que significa ser? São questionamentos e inspirações para a obra Ser e Tempo de Martin Heidegger.

“O homem não é, portanto, jamais infinito e absoluto na criação do próprio ente, mas, ele é infinito no sentido da compreensão do ser.”¹³

A fenomenologia hermenêutica possibilitou a compreensão da unidade entre o ser humano e a compreensão do ser, unidade esta que nos permite descobrir a diferença ontológica.

10- HEIDEGGER, M. Marcas do caminho. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p.59.

11- STEIN, E. Compreensão e Finitude. Ijuí, Ed. UNIJUÍ, 2001. p.162.

12- Ibid, p. 23.

13- Ibid, p.39.

“Diferença que não é apenas uma separação entre ser e ente, mas uma relação entre ser e ente se dá através de um determinado comportamento de um ente que é designado por Heidegger o ser-aí (*Dasein*). Assim, a diferença ontológica se constitui no contexto da compreensão de ser, mas, ao mesmo tempo, dá a essa o espaço de seu acontecer. Assim se estabelecem, na fenomenologia hermenêutica, como filosofia da finitude, os dois teoremas fundamentais, o círculo hermenêutico e a diferença ontológica.”¹⁴

Dasein é um termo muito utilizado por Heidegger e decisivo na sua obra *Ser e Tempo*, que nos leva à idéia de transcendência, por ser sempre em si, algo novo, de ser para além de si mesmo. É conhecido também como ser-aí ou pre-sença, insurge-se através de um projetar-se, e uma pré-compreensão do horizonte humano.

“A relação entre filosofia e conhecimento empírico, descoberta pela fenomenologia hermenêutica irá mostrar que o processo da pré-compreensão que, desde sempre, acompanha a estrutura do ser-aí, é condição de possibilidade de qualquer acesso do conhecimento científico a seus objetos.”¹⁵

2. DIFERENÇAS ENTRE A FENOMENOLOGIA DE HEIDEGGER E HUSSERL

Heidegger apesar de seguidor e amigo de Husserl critica a fenomenologia transcendental de seu mestre, não por existir antagonismo entre as duas posições ontológicas distintas, mas entre a filosofia transcendental e a ontologia enquanto tais.

Para Heidegger, a filosofia é ontologia e a fenomenologia uma via de acesso, ou seja, um método para a ontologia. Ao contrário, Husserl entende que fenomenologia e filosofia coincidem, dizem o mesmo.¹⁶

“Em sua crítica à filosofia husserliana, Heidegger salientou que o ser lançado no mundo é um tipo de intencionalidade muito mais fundamental que a intencionalidade de meramente contemplar ou pensar objetos, e é aquela intencionalidade mais fundamental é a causa e a razão desta última da qual se ocupava Husserl. Heidegger constata que a noção de redução husserliana é algo insuficiente para explicar a questão de ser-no-mundo.”¹⁷

14- STEIN, E. Pensar é pensar a diferença. IJUÍ, Ed. UNIJUI, 2002, p. 17.

15- STEIN. Pensar é pensar a diferença. Op. cit. p.18.

16- CAMPOS, P. Phainomenon e logos na apropriação de fenomenologia de Heidegger: uma leitura do § 7 de Ser e Tempo. Disponível em: <http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2009/11/10_2_paula.pdf>. Acesso em 27 jun. 2012.

17- GONDIM, E; RODRIGUES, O.M. O transcendentalismo de Heidegger: um resumo. Disponível em: <http://www.elgeniomaligno.eu/numero5/varia_heidegger_gondimymarra.html>. Acesso em 03 jul. 2012.

Husserl, diferentemente de Heidegger, recusava a espontaneidade das visões-de-mundo, pois para o filósofo, reduziria a filosofia a fins práticos de sabedoria e compreensão histórica, sendo inferior à teoria, que atende a uma necessidade ideal a todas as épocas. ¹⁸ Conclui ainda “Então, a filosofia não pode tomar, como um dos seus eixos, a historicidade do homem.” ¹⁹

“O filósofo Edmund Husserl funda a Fenomenologia com o intento de que a filosofia tivesse a fundamentação de uma ciência rigorosa; objetivava dar rigor ao raciocínio filosófico em relação às coisas do mundo real. Husserl intentava evitar que a verdade filosófica fosse provisória. Para tanto, ela deveria referir-se às coisas como se apresentam na experiência de consciência, estudadas em seus *eidos* (essências), despojadas das contingências do mundo empírico objeto da ciência.”²⁰

Husserl via a fenomenologia como a “filosofia primeira”, como o método de evidenciação, pelo poder de auto-reflexão, podendo observar os objetos em sua forma pura e original. Para ele a fenomenologia propõe a descrição dos fenômenos tais como eles parecem ser, através do fenômeno da consciência.

“Para chegar ao fenômeno puro, Husserl suspende o juízo em relação a existência do mundo exterior (transcendente). Descreve apenas o mundo como se apresenta na consciência, ou seja, reduzido à consciência. Tal suspensão ou colocação entre parênteses chamou epoqué. Portanto, não duvida da existência do mundo exterior, mas simplesmente o põe “entre parênteses” ou o idealiza ou o reduz ao fenômeno: a redução fenomenológica. No fenômeno, por sua vez, procede a sucessivas reduções em busca da essência: a redução eidética. Assim entende a fenomenologia como análise descritiva das vivências da consciência depuradas de seus elementos empíricos para descobrir e apreender as essências diretamente na intuição.”²¹

18- NUNES, B. Hermenêutica e poesia: o pensamento poético. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, p.51.

19- Ibid, p.51.

20- GONDIM. Op. cit.

21- HUSSERL, E. A crise da humanidade Européia e a filosofia. Tradução: Urbano Zilles, EdiPUCRS, 3ª edição, 2008. p.24.

Para Husserl, o ente é o transcendente posto pela tese existencial e que, na redução, é convertido em significação eidética. O objeto intencional não tem, por definição, “validade ontológica”.²²

Na obra “Verdade e Método” de Gadamer: “Heidegger opõe uma exigência paradoxal à fenomenologia eidética de Husserl e à distinção entre fato e essência, sobre que ela repousa.”²³

De todas as discussões a respeito da divergência entre a fenomenologia de Husserl e de Heidegger, podemos perceber que gira entorno da orientação transcendental da investigação fenomenológica, visto que para Heidegger, o problema da constituição transcendental do “mundo” é um problema de natureza ontológica; e para Husserl, a problemática transcendental teria outra natureza, completamente diversa da investigação ontológica, porque, supostamente, o “transcendental” não se localizaria na constituição de ser de um *ente*.²⁴

“A radicalidade da fenomenologia husserliana consiste justamente no projeto de reconsiderar o mundo, isto é, a totalidade do ente, a partir da suspensão de toda e qualquer tese de existência, logo, a partir da neutralização de toda e qualquer ontologia enquanto conhecimento da *realidade*.”²⁵

Assim, tem-se que, para Husserl, ao contrário do que sustenta Heidegger, a redução fenomenológica é indiferente ao ente “em seu ser”.²⁶

3. A FILOSOFIA PRÁTICA DE ARISTÓTELES

A filosofia prática de Aristóteles envolve a análise do ser humano e a reflexão sobre as relações sociais, políticas e econômicas, sendo a lógica Aristotélica essencialmente dedutiva, demonstrativa e apodíctica.

22- VALENTIM, M.A. Heidegger sobre a fenomenologia husserliana: a filosofia transcendental como ontologia. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/91875302/Marco-Valentim-Heidegger-Sobre-a-Fenomenologia-Husserliana-a-Filosofia-Transcendental-Com-Ontologia>>. Acesso em 05 jul. 2012.

23- GADAMER, H.G. Verdade e Método I. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Ed. Vozes, 10ª Ed., 2008, p.341.

24- VALENTIM. Op. cit.

25- VALENTIM. Op. cit.

26- Ibid.

Aristóteles em sua obra “Ética a Nicômaco” expõe sua concepção prática de virtude, da moral e principalmente da ética. Um dos fundamentos do pensamento aristotélico é que todas as coisas têm uma finalidade, e que independente do que fazemos para atingir um determinado fim, este deve ser o bem, ou melhor, o sumo bem.²⁷

Aristóteles valorizava a observação e a experiência em seus estudos sendo o pioneiro na utilização do método científico. Suas pesquisas se voltavam para situações concretas da época, através do espírito da observação, também preocupando-se em estudar obras anteriores, principalmente as de Platão.

“As interpretações dos tratados e das exposições aristotélicas, ao contrário, surgem de uma problemática filosófica concreta, de tal modo, porém, que essa *pesquisa da filosofia aristotélica* não se constitui, por exemplo, apenas num realce casual, numa “complementação” e ilustração “do aspecto histórico”, mas coperfaz, *ela própria, uma parte fundamental dessa problemática*. É só essa que fornece a gravidade e o impulso decisivo para o principiar, o caminho e alcance das pesquisas.”²⁸

Podemos observar nas obras de Aristóteles que a sua filosofia é conceitual como a de Platão, mas parte da experiência, da observação, própria das ciências em sentido empírico. Para ele a filosofia dividia-se em *teorética, prática e poética*, subdividindo a filosofia prática em *ética e política*. “A Ética define “a filosofia das coisas do homem”, e com a Política constitui o âmbito das realidades que podem ser diferentes do que são, reinos da contingência e não da necessidade”.²⁹

“O homem é visto, como sujeito histórico-social, e como tal, sua ação não pode mais ser analisada fora da coletividade. Por isso, a ética ganha um dimensionamento político (área de avaliação dos valores nas relações sociais): uma ação eticamente boa é politicamente boa, e contribui para o aumento da justiça, distribuição igualitária do poder entre os homens.”³⁰

Aristóteles em seu livro *Ética a Nicômaco* diz que na prática ética somos o que fazemos visando sempre uma finalidade boa ou virtuosa: “Toda arte e toda

27- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Ed Claret, M., 5ª Edição, 2011, p.13.

28- HEIDEGGER, M. *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles*. Petrópolis: Vozes, 2011, p.19.

29- CAMPOS, M; GREIK, M; VALE, T. *História da ética*. Disponível em: http://www.ricardoalmeida.adm.br/Historia_da_Etica.pdf Acesso em: 25 jun. 2012.

30- CAMPOS, M. *Op. cit.*

investigação, bem como toda ação e toda escolha, visam a um bem qualquer; e por isso foi dito, não sem razão, que o bem é aquilo a que as coisas tendem.”³¹

Para o Estagirita, o objeto da filosofia prática política é o bem supremo do homem, seu fim último, não sendo somente o bem de cada indivíduo, mas de toda a *polis*.³²

Segundo Aristóteles, os elementos primeiros do conhecimento³³ devem ser tirados da experiência, da representação sensível, através da verdade imediata, pois os sentidos por si nunca nos enganam.

Como seres sociais, aprendemos muito mais nos relacionando com os outros do que pela introspecção e isolamento, o “fazer” permite agregar valores ao conhecimento, a partir do qual é possível extrair conclusões e inferir princípios. Assim, a teoria aristotélica da acção encontra o seu eminente desenlace numa “filosofia das coisas especificamente humanas”.

Com efeito, no livro I da *Ética a Nicómaco*, refere Aristóteles a propósito da ciência política:

“Visto que a ciência política utiliza as demais ciências e, ainda, legisla sobre o que devemos fazer e sobre o que devemos nos abster, a finalidade dessa ciência deve necessariamente abranger a finalidade das outras, de maneira que essa finalidade deverá ser o bem humano.”³⁴

Podemos concluir com as obras de Aristóteles que a grande finalidade da filosofia prática é apresentar ao homem as condições éticas, sociais, políticas e morais que lhe permitirão atingir a felicidade.

“Com isto, Aristóteles nos deixa claro que a sua pesquisa acerca das questões ético-morais não visa à contemplação pura (como é próprio nos assuntos teórico abstratos), mas sim à determinação do meio a se empregar no sentido de tornar o homem bom e virtuoso, a fim de que possa atingir a excelência moral.”³⁵

31- ARISTÓTELES. Op. cit., p.13.

32- CAMPOS, M. Op. cit.

33- Para Aristóteles os “conceitos primeiros” seriam os conceitos e juízos, que advém diretamente dos sentidos, da sensação.

34- ARISTÓTELES. Op. cit., p.14 – Livro I, 2, 1094b 5-8.

35- CARDOSO, W. O ideal de justiça e a prática da cidadania na filosofia de Aristóteles. Disponível em: <<http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/discursojuridico/article/viewFile/209/96>> Acesso em 28 jun. 2012.

Desta forma, o filósofo diz que o meio mais adequado para se obter um conhecimento das circunstâncias factuais é através de uma longa experiência de vida, o que faz do jovem não ser um bom ouvinte.

“Cada homem julga bem as coisas que conhece, e desses assuntos ele é bom juiz. Assim, o homem instruído a respeito de um assunto é bom juiz nesse assunto, e o homem que recebeu instrução a respeito de todas as coisas é bom juiz em geral. Por isso, um homem jovem não é bom ouvinte de aula de ciência política. Com efeito, ele não tem experiência dos fatos da vida, e é em torno destes que giram as discussões referentes à ciência política; além disso, como os jovens tendem a seguir suas paixões, esse estudo ser-lhes-á vão e improficuo, já que ao fim ao qual se visa não é o conhecimento, mas a ação.”³⁶

4. HEIDEGGER: INTERPRETAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE ARISTÓTELES

É a partir da leitura de dois documentos que claramente podemos vislumbrar o interesse de Heidegger pelos gregos do passado, e perceber que a fenomenologia já era experimentada originariamente no pensamento desses filósofos. Assim, são estes documentos o relatório de Natorp, intitulado *Interpretações Fenomenológicas sobre Aristóteles*, que data de 1922³⁷; e *Meu caminho para a Fenomenologia*, de 1963, onde o filósofo contraria o seu mestre no pedido de não trazer à discussão qualquer autoridade filosófica, diz claramente “que quanto mais aprendia o ver fenomenológico, mais se detinha à leitura de Aristóteles e da filosofia grega”.³⁸

No período em que Heidegger lecionou sobre a filosofia prática de Aristóteles teve como aluno Hans-Georg Gadamer, que inclusive chamou atenção para a semelhança entre a “compreensão” de Heidegger e a “práxis” de Aristóteles.

Segundo Gadamer, em menção a Heidegger: “aqui ele colocou em jogo todo o *phatos de sua Hermenêutica da facticidade* em favor das interpretações de Aristóteles”³⁹.

36- ARISTÓTELES. Op cit.p.15, livro I, 3, 1095a 5-10.

37- Escrito de Heidegger dirigido a Paul Natorp, para possível ocupação da cátedra de Marbourg e que constitui o primeiro esboço da *Análítica do Dasein*.

38- RUBENICH. Op. cit.

39- GADAMER, H.G. “Hermenêutica em Retrospectiva”, Vol. I: “Heidegger em Retrospectiva”, Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, p. 14.

“Para Gadamer, significava uma interpretação do ser-ai (*Dasein*) humano que segue a auto-interpretação desse ser-ai na concreção do mundo da vida, isto é, foi uma revelação que o fez compreender o logos, os *legomena*, as categorias e que toda a estrutura conceitual da tradição *Metafísica* remetiam-se às experiências do falar e da linguagem.”⁴⁰

Heidegger se remete ao Estagirita porque acredita encontrar nele um novo fazer filosófico que apresenta a filosofia uma pluralidade de atitudes descobridoras que são próprias da vida humana.⁴¹

Aristóteles falava sobre os “muitos significados do ser distinguidos” e Heidegger inicia uma busca começando a percorrer sucessivamente cada um dos significados do ser distinguidos por Aristóteles.

“O vínculo de Heidegger com a tradição clássica, no sentido em que a tomamos aqui, se estabeleceu desde o começo, com Aristóteles, antes de efetuar a crítica a essa tradição – cujo alvo principal é Platão, a caminho da “recuperação” dos pré-socráticos. O Aristóteles a que Heidegger se dirige não é apenas, conforme dissemos, o Aristóteles da *Metafísica*, mas também o da *Ética a Nicômaco*, o da filosofia prática.”⁴²

Através de sua obra “Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles” Heidegger analisa a filosofia aristotélica, afirmando que “Filosofia não se pode e não se deve definir, filosofia só se pode vivenciar”⁴³

Vejamos um trecho que retrata o conceito de filosofia para Heidegger:

“Só resta um caminho: olhar frio e examinar sem parcimônias; “examinar”: problema da interpretação - ser e estar na filosofia! A questão não pode ser realizada doutrinariamente e em pureza doutrinária, fantasiosa e sem observar o solo (facticidade); não apelar frouxamente às testemunhas centrais, mas compreendê-las radicalmente! Vale a pena examinar o que há de histórico ali sob esse nome (o que hoje se compreende por sentido da filosofia, isto é, como nos comportamos nela, são questões não claras, comodidades, tradições e questões de gosto sem averiguação), não para acolher isso, mas para ter uma possibilidade límpida e uma resistência

40- MENEZES, R. Das articulações da hermenêutica da facticidade para uma compreensão de ser-no-mundo: Phronesis e Sorge. Disponível em: <<http://www.gamaon.com.br/pdf/vol8/reginaldo-artigo.pdf>>. Acesso em 26 jun. 2012.

41- SANTOS, J.F. A confrontação de Heidegger com a filosofia prática de Aristóteles. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/viewArticle/5987>>. Acesso em 03 jul. 2012.

42- NUNES. Op. cit. p.29.

43- HEIDEGGER. Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles. Op. cit. p.22.

clara, isto é, a direção autêntica de uma reflexão sobre o sentido. Não que preparemos e tateemos de modo vazio definições; ao contrário, que a própria filosofia enquanto tal nos aborda.”⁴⁴

Heidegger desenvolveu uma densa interpretação de algumas passagens da Física, Metafísica e Ética a Nicômaco – de Aristóteles, e a partir da compreensão das obras do filósofo desenvolveu a proposta de uma nova ciência originária, utilizando-se da hermenêutica fenomenológica como método de investigação.

“A radicalização da filosofia prática de Aristóteles facilitou o desenvolvimento de uma nova proposta apresentada pelo jovem Heidegger conhecido como ciência originária, influenciado pela leitura ontológica da obra de Aristóteles. A leitura que Heidegger faz da filosofia prática de Aristóteles lhe propicia uma experiência direta do mundo. Na sua interpretação fenomenológica da Ética Nicômaco percebe-se que a filosofia possui sua raiz na atividade humana, é bem provável que seja essa descoberta que desperta no jovem Heidegger o desejo de pensar e propor ao mundo acadêmico uma nova ciência.”⁴⁵

CONCLUSÃO

O presente artigo destinou-se a analisar a similaridade entre a fenomenologia de Heidegger e a filosofia prática de Aristóteles de milênios passados, que apesar de possuírem nomenclaturas distintas perfazem de um mesmo pensar, um mesmo refletir.

Analisando as obras de Aristóteles é possível concluir que o filósofo evoluiu inicialmente de um pensamento platônico, assim como Heidegger declarou que as investigações fenomenológicas que vinha trabalhando, já haviam sido estudadas e analisadas pelos filósofos gregos, principalmente por Aristóteles.

Através dos dizeres de Heidegger é possível perceber que o estudo do ser e do ente, de sua pré-compreensão e o fenômeno do *dasein* estão intimamente ligados à filosofia prática de Aristóteles, que investigava o mundo em seu acontecer. A filosofia tradicional ao longo dos tempos esteve voltada para as questões teóricas, e foi com Heidegger através do estudo e compreensão da filosofia prática de Aristóteles que houve uma desconstrução da metafísica ocidental com a proposta de

44- Ibid. p.47/48.

45- SANTOS. Op. cit.
Saber Digital, v. 2, n. 1, p. 94-108, 2009

uma nova ontologia e um novo modo de acessar o objeto da filosofia, através do dasein.

Assim, com a leitura fenomenológica da filosofia prática de Aristóteles, Heidegger começa a pensar a filosofia de um novo jeito, acessando a ciência originária. A nova ciência se dedica à compreensão das estruturas da vida fática, que para Heidegger é o ponto de partida e meta da filosofia⁴⁶.

46- SANTOS. Op. cit.
Saber Digital, v. 2, n. 1, p. 94-108, 2009

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Ed Claret, M., 5ª Edição, 2011

CAMPOS, M; GREIK, M; VALE, T. **História da ética**. Disponível em:
<http://www.ricardoalmeida.adm.br/Historia_da_Etica.pdf> Acesso em: 25 jun. 2012.

CAMPOS, P. **Phainomenon e logos na apropriação de fenomenologia de Heidegger: uma leitura do § 7 de Ser e Tempo**. Disponível em:
<http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2009/11/10_2_paula.pdf>. Acesso em 27 jun. 2012.

CARDOSO, W. **O ideal de justiça e a prática da cidadania na filosofia de Aristóteles**. Disponível em:
<<http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/discursojuridico/article/viewFile/209/96>> Acesso em 28 jun. 2012.

EWALD, A. **Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos**. Disponível em:
<<http://www.revispsi.uerj.br/v8n2/artigos/pdf/v8n2a02.pdf>>. Acesso em 27 jun. 2012.

GADAMER, H.G. **Verdade e Método I Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 10ª edição, 2008.

Hermenêutica em Retrospectiva - v. I: "**Heidegger em Retrospectiva**", Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

GONDIM, E; RODRIGUES, O.M. **O transcendentalismo de Heidegger: um resumo**. Disponível em:<http://www.elgeniomaligno.eu/numero5/varia_heidegger_gondimym arra.html>. Acesso em 03 jul. 2012.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Bragança Paulista: Edusf, Petrópolis: Vozes, 2006.

Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

Marcas do caminho. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

Meu caminho para fenomenologia. Tradução: FALCATO, A. Covilhã, 2009. Disponível em:<http://www.lusosofia.net/textos/heidegger_martin_o_meu_caminho_na_fenomenologia_.pdf>. Acesso em 26 jun. 2012.

Meu caminho para fenomenologia. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.498.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade Européia e a filosofia**. Tradução: Zilles, U., EdiPUCRS, 3ª edição, 2008.

MENEZES, R. **Das articulações da hermenêutica da facticidade para uma compreensão de ser-no-mundo**: Phronesis e Sorge. Disponível em: <<http://www.gamaon.com.br/pdf/vol8/reginaldo-artigo.pdf>>. Acesso em 26 jun. 2012.

NUNES, B. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

RUBENICH, A. **O sentido originário da verdade: Heidegger com Aristóteles**. Disponível em: <<http://www.controversia.unisinos.br/pdf/100.pdf>> Acesso em 26 jun. 2012.

SANTOS, J.F. **A confrontação de Heidegger com a filosofia prática de Aristóteles**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/viewArticle/5987>>. Acesso em 03 jul. 2012.

STEIN, E. **Compreensão e Finitude**. Ijuí, Ed. UNIJUÍ, 2001.

Pensar é pensar a diferença. IJUÍ, Ed. UNIJUI, 2002.

STRECK, L.L. **O que é isto- decido conforme minha consciência?**Porto Alegre. Ed. Livraria do Advogado, 2010.

VALENTIM, M.A. **Heidegger sobre a fenomenologia husserliana: a filosofia transcendental como ontologia**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/91875302/Marco-Valentim-Heidegger-Sobre-a-Fenomenologia-Husserliana-a-Filosofia-Transcendental-Com-Ontologia>>. Acesso em 05 jul. 2012.